

Boa Vontade nos Assuntos Mundiais

Boletim
da Boa Vontade Mundial
Nº1
2019



Em Ressonância

com a Terra Viva

Em 2018, os seminários da Boa Vontade Mundial (World Goodwill) em Londres, Genebra e Nova Iorque focaram o tema *Em Ressonância com a Terra Viva*. Ao longo de dois dias, palestrantes de origens diversas partilharam experiências e *percepções* (*insights*, no original) sobre como pode a humanidade harmonizar-se em ressonância, espiritual e materialmente, com os outros Reinos da Natureza. O significado positivo dos Objectivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU, como directrizes práticas para a humanidade se tornar numa guardiã mais responsável da vida animal e vegetal e dos minerais do planeta, recebeu atenção especial na reunião realizada na sede da ONU em Genebra.

Hilozoísmo – uma palavra incomum para um conceito antigo: que toda a matéria está viva. Quando levamos este pensamento a sério, surge a ideia da própria Terra estar viva e da vida da nossa espécie ser parte integrante desta grande Vida. E podemos expandir ainda mais o pensamento, vendo a humanidade como participante activa num Cosmos vibrante com a energia de Vida, evoluindo intencionalmente para estados de perfeição crescente. Esta visão sempre foi parte integrante da tradição da sabedoria sem idade, sendo também mantida, em graus variados, por algumas fés religiosas.

Como observado em Nova Iorque, é responsabilidade da humanidade, como parte deste processo de aperfeiçoamento Cósmico, ajudar a elevar, através da ressonância empática, a vibração dos Reinos inferiores. Infelizmente temos negligenciado esta responsabilidade ao longo dos últimos séculos, estando os resultados desta negligência a pôr agora em perigo a nossa própria sobrevivência.

As apresentações nas reuniões transmitiram o reconhecimento deste facto e as respectivas respostas inteligentes e compassivas. Em Genebra, a importância fundamental da vontade qualificada pelo bem foi reconhecida, e foi observado como “a energia dinâmica da alma, a *vontade*, pode levar-nos a realizar o nosso propósito baseado numa visão fraterna da humanidade. A competição dará então lugar à colaboração e a partilha compensará qualquer atitude egoísta.”

Se ponderarmos como poderá ser o futuro dos nossos relacionamentos com os outros seres, poderíamos concebê-lo como uma meditação colectiva vasta sobre os outros seres como co-participantes da grande teia de vida.

Se as percepções mentalmente focadas de uma ciência mais paciente e humilde puderem misturar-se com a conexão amorosa com outros seres, que sempre esteve disponível, então poderá surgir uma cooperação mais verdadeira entre os vários Reinos da Natureza, mineral, vegetal, animal, humano e espiritual. Neste futuro, em que a diversidade de forma e função não só é aceite como também celebrada, devemos ser capazes de desenvolver maneiras de sentir e cooperar com o propósito evolutivo. §

Um Tema, Três Locais, Muitos Apresentadores

p. 2

Em Ressonância com a Terra Viva – Passado, Presente mas ... e o Futuro?
VITA DE WAAL

p. 3

... mais no interior



Um Tema, Três Locais, Muitos Apresentadores

De forma a incluir o material apenas numa edição, este ano optámos por dar um pequeno excerto da apresentação de cada orador, mantendo-o o mais próximo possível das palavras originais, na esperança de ser transmitida a sua energia. Como anteriormente, no artigo existem informações biográficas e uma ligação de acesso ao vídeo completo de cada apresentador.

VITA DE WAAL reflecte sobre a importância do som como um elemento de harmonização e como isto já era reconhecido nos tempos antigos através da arquitectura dos espaços sagrados.

JEREMY DUNNING-DAVIES alerta para o perigo de confiar demasiado na matemática como um guia para entender o universo físico.

MARCO salienta a importância da cooperação internacional e como a cooperação pode desafiar-nos a mudar radicalmente a perspectiva.

MARÍA CREHUET WENNERG observa a necessidade de pôr fim à obsessão pelo crescimento económico e de construir uma cultura nova baseada na responsabilidade pessoal e na interdependência.

GILES HUTCHINS partilha pensamentos sobre como aprender com os sistemas vivos e usa estas percepções para ajudar a construir sistemas e organizações mais saudáveis e propulsoras de vida.

RENÉ LONGET explica o aparecimento do conceito-chave de desenvolvimento sustentável.

JEN MORGAN considera as formas pelas quais a diversidade, um aspecto central dos sistemas vivos, pode fortalecer grupos e sociedades.

MAY EAST aponta a interdependência dos ODS e fala sobre o próximo passo do desenvolvimento sustentável, a abordagem regenerativa, que projecta para a evolução. §

TAKEO INAMURA e *TAKESHI MURANAKA* discutem como o seu objectivo em criar um jogo de cartas baseado nos ODS é o de ajudar pessoas a reconhecerem a interdependência das metas e a sua responsabilidade pessoal para ajudar a alcançá-las.

MARY STEWART ADAMS convida-nos a reflectir sobre a relação cósmica mais ampla da humanidade com os céus estrelados e como isso se conecta com as nossas responsabilidades para com o mundo natural e espiritual. §

O que há de Errado com o nosso Pensamento Científico Actual?

JEREMY DUNNING-DAVIES

p. 3

Cooperação Internacional: um bónus adicional, um dever, uma necessidade ou uma tendência natural imparável?

MARCO

p. 4

Uma Cultura Ética Renovada: Valores e Projectos Alternativos para um Planeta Finito

MARÍA CREHUET WENNERG

p. 5

Sentindo o Potencial Evolutivo: Co-criando Magnificência com o Mais-que-Humano

GILES HUTCHINS

p. 6

Valores Humanos e Desenvolvimento Sustentável no Mundo de Hoje

RENÉ LONGET

p. 7

Reflexões sobre como Cuidar da Terra

p. 9

Relacionamentos para a Mudança: Um Caminho para a Ressonância com toda a Vida

JEN MORGAN

p. 9

ODS [Objectivos de Desenvolvimento Sustentável]: Enquadrar uma Narrativa Regenerativa Nova

MAY EAST

p. 10

A "Agenda 2030" é um Jogo? Porque o Jogam 30.000 Pessoas de Corporações, Governo, Educação e Sociedade Civil?

TAKEO INAMURA e *TAKESHI MURANAKA*

p. 11

Este é o Momento dos Seres Humanos Falarem com as Estrelas

MARY STEWART ADAMS

p. 11

Dia Mundial de Invocação 2019

p. 12

Em Ressonância com a Terra Viva – Passado, Presente mas ... e o Futuro?

Vita de Waal é a fundadora e directora da Fundação para GAIA e para a ONG Alliance on Global Concerns (Aliança de Questões Globais). Ela preside a dois Fóruns de ONGs que trabalham com programas da ONU e faz parte do Conselho de uma Comissão Científica Internacional do ICOMOS [Nota do trad.: Conselho Internacional dos Monumentos e Sítios] sobre Locais de Religião e Ritual.



Vídeo em worldgoodwill.org/video#vw

Tudo no nosso universo tridimensional está sujeito a movimento. Todo o movimento gera som e ressonância com oscilações, ondas, frequências, velocidade e direcção. O movimento pode criar turbulências, correntes, órbitas, tempo, som, harmonias, ritmos, cores, diversidade, continentes, regiões, raças-raízes, estações, dias, noites e tudo o resto. O movimento pode ser para cima ou para baixo, interno, externo, espiral no sentido horário ou anti-horário, pode ser yin, yang, quente, frio, luz, escuridão, criativo, separativo, generativo, degenerativo, atracção, oposição, nascimento, decadência, doença, saúde, etc.

Mudança é a norma nas três dimensões que habitamos, a mudança é lei, porque há som e movimento o tempo todo. Portanto, se quisermos parar alguma coisa, *manter algo como é ou foi*, isso é completamente antinatural.

Adolf Zeising escreveu em 1854 acerca de uma lei universal ... *na qual está contido o princípio fundamental de todas as formas ... nos Reinos da Natureza e da arte, e que permeia, como um ideal espiritual supremo, todas as estruturas, formas e proporções, sejam elas cósmicas ou individuais, orgânicas ou inorgânicas, acústicas ou ópticas; que, no entanto, encontra a sua realização plena na forma humana*. Nesse sentido, para ele, a forma humana era o ponto alto dessa união.

A dimensão humana é importante. Embora haja uma *unidade* no tempo, é *como* o usamos. Consideremos o exemplo da planta carro-de-vénus (ou acónito) que pode ser usada para curar, embora possa matar em dose elevada, ou o próprio som, que pode ser usado para curar ou torturar. O livre-arbítrio é uma prerrogativa humana e o seu uso determina se o fazemos *com harmonia*, em ressonância com a lei universal ou não.

Diz-se que Pitágoras reflectiu vários anos sobre as leis que regem a consonância e a dissonância. Parecendo haver constantes imutáveis em toda a realidade, devem existir leis imutáveis que as regem. Portanto, para Pitágoras, a música estava relacionada com a ciência divina da matemática, com as suas harmonias reguladas por proporções matemáticas.

A crença básica de que geometria, proporção, rácios matemáticos e harmónicas se encontravam na música já era conhecida por civilizações antigas e usada na construção de locais pré-históricos. Esta *redescoberta* abriu um campo de estudo novo, a arqueologia acústica, que analisa as propriedades acústicas e o uso de cavernas neolíticas e locais megalíticos antigos.

A caverna pré-histórica de El Castillo, em Espanha, já era usada pelos hominídeos há 40.800 anos. Foram gravados sons dentro desta caverna captados a partir da posição em que supostamente os indivíduos assistiram ao ritual de um xamã. Análises subsequentes identificaram uma amplificação dependente de frequência de intensidade de som gravada para frequências próximas de 100 Hz, com o maior efeito observado em 108 e 110 Hz. Esta faixa de frequência à volta de 110Hz estimula um certo ritmo cerebral eléctrico associado à intuição, criatividade, processamento holístico, que induz um estado de meditação e tende a induzir estados de transe.

Pitágoras criou a sua escala musical começando com a nota A [lá] que ressoa na frequência de 111Hz. Descobertas recentes de pesquisas de imagens de ressonância magnética mostram que o cérebro desliga o córtex pré-frontal, desactivando o centro de linguagem e *mudando temporariamente do lado esquerdo para a dominância do direito*. Hoje em dia, as meditações de plenitude mental (*mindfulness*, no original) não são usadas apenas para relaxamento, mas também para cura, tendo um estudo mostrado um alongamento de telómeros (filamentos de DNA) que tendem a encurtar com a idade, deixando os cromossomos vulneráveis à deterioração. Os telómeros são mais curtos em pessoas com doenças crónicas e *stress* elevado e mais longos em pessoas jovens e saudáveis. Os investigadores correlacionam um alongamento dos telómeros com a meditação.

A arqueologia acústica mostra que o som em Newgrange, na Irlanda, que foi construído durante o período neolítico há mais de 5.200 anos e o Hypogeum com 5.000 anos em Malta ressoam ambos em 111 Hz. A análise óssea no local mostrou que os malteses são uma população saudável. É provável que muitas outras descobertas sejam feitas sobre viver em ressonância com a nossa Terra Viva! §

O que há de Errado com o nosso Pensamento Científico Actual?

Jeremy Dunning-Davies é um professor aposentado dos departamentos de matemática e física da Universidade de Hull.



Vídeo em worldgoodwill.org/video#jd

Fui inicialmente para a Universidade para fazer matemática pura, mas fiquei mais interessado em Matemática Aplicada. Como jovem estudante investigador, lembro-me de um professor me ter dado um problema para analisar e de eu o ter levado para casa e ter deveras trabalhado nele, sublinhando claramente a resposta final a vermelho. Trouxe-o no dia seguinte, muito satisfeito comigo mesmo, e dei-lho. Ele estudou-o durante um bocado e, de repente, olhou para cima e disse: "Isto está bem, mas que significado físico tem?" Fiquei completamente surpreendido. Ele disse: "Qual a utilidade de uma equação mate- ►

mática se não sabe o que significa fisicamente?" Este foi um momento decisivo para mim e penso resumir o que está errado com muita da ciência moderna, onde o foco está em tentar fazer a física encaixar na matemática, e não o contrário.

O problema remonta há algum tempo atrás. No século XIX, a maior parte da actividade na física ia na direcção do electromagnetismo. Pessoas como J J Thompson estavam todos a trabalhar nisso, e houve uma teoria da Relatividade de Lorentz que incluía o éter. Depois, vieram os artigos científicos de Einstein, em 1905, sobre a Relatividade Especial, embora ninguém lhe desse muita importância na época. No entanto, por volta de 1920, o seu trabalho entrou de repente na moda e a teoria de Lorentz foi colocada em segundo plano. Nesta altura, a ciência rejeitou repentinamente o éter e não mais podia ser mencionado. Os problemas começaram então.

Recentemente, a CIA divulgou um ou dois documentos contendo material possivelmente relacionado com Nikola Tesla. Reuni-me com Rich Norman, consultor científico da Thunder Energies Corporation na Florida e estivemos a falar de um éter relacionado com este trabalho recém-publicado, parecendo ser possível reescrevermos pelo menos alguns resultados sem o recurso às ideias da mecânica quântica, usando simplesmente as propriedades de um éter. Parece não precisarmos simplesmente da mecânica quântica, é uma teoria adorável, mesmo sem as pessoas se sentirem algo à-vontade com algumas das suas áreas. Einstein, é claro, esteve muito preocupado com a mecânica quântica até ao fim da sua vida.

O nosso trabalho sobre o éter e o electromagnetismo está em harmonia com Wal Thornhill e o movimento do Universo Eléctrico. Este grupo destaca a importância dos campos electromagnéticos e das correntes eléctricas presentes no espaço, o que nos leva de volta ao cientista escandinavo Kristian Birkeland, que costumava sair, observar as luzes do Norte e conduzir depois as suas próprias experiências. Estas eram designadas por experiências Terella e ele conseguia recriar no seu laboratório a aurora, na realidade numa forma em escala reduzida.

Birkeland surgiu com a teoria de como o Sol e a Terra estão ligados através de um fluxo de partículas carregadas. Mas, ao mesmo tempo, um geofísico britânico, Sydney Chapman, apresentou uma teoria matemática encantadora, cujas conclusões eram exactamente o oposto do que mostraram as experiências de Birkeland. O trabalho de Birkeland foi totalmente descartado a favor desta teoria matemática. Só nos anos 70 verificaram que, na verdade, Birkeland estava certo e Chapman errado. Um facto nunca tornado público. Infelizmente, este tipo de coisas está sempre a acontecer.

O movimento do universo eléctrico está a chegar com explicações de fenómenos que os astrofísicos ortodoxos não conseguem explicar, mas que parecem relutantes em debater. No entanto, há muitas pesquisas a acontecerem neste momento na NASA ligadas à teoria do Universo Eléctrico. E pode surpreender-vos saber que a Relatividade Geral não é muito usada. Organizações como a NASA usam a mecânica newtoniana – não precisam de supostas correcções da Relatividade Geral. Então a Relatividade Geral está correcta? É necessária? É uma teoria adorável. A relatividade foi do que mais gostei no meu último ano como estudante na universidade, mas por que me sentia atraído por ela? Simplesmente por adorar a bela matemática!

Com a Relatividade Restrita, Einstein não apenas se livrou do éter, mas, por usar esta transformação matemática chamada Transformação de Lorentz, introduziu todas aquelas anomalias peculiares, como o Paradoxo dos Gêmeos, a Dilatação do Tempo etc. e, se olharmos para o trabalho de James Paul Wesley, um físico teórico americano, não precisamos da transformação de Lorentz. Se aceitarmos simplesmente que $E = mc^2$, que é um resultado experimentalmente comprovado, podemos derivar teoricamente qualquer resultado útil que venha da Relatividade Restrita. Conheço isto porque o fiz. No entanto, Wesley é um nome desconhecido para muitos.

Não quero depreciar a matemática. Tem o seu lugar, mas, quando estudamos fenómenos físicos – a matemática deve secundar a física – é usada como uma ferramenta. Nem mais; nem menos. Um resultado matemático que faz uma previsão deve ser examinado empírica e/ou experimentalmente para ver se corresponde à física: – a matemática não deve ditar! Não se forçam alguns fenómenos físicos presenciados para se adaptarem a alguma matemática imaginada em circunstâncias separadas.

Então, se me perguntarem o que há hoje de errado na ciência, diria que muitas vezes o resultado físico final está a ser produzido para justificar alguma teoria, sendo esta secundária à física da situação. Há muitos exemplos – acabei de mencionar alguns. Matemática bela distanciada da realidade física é algo de que precisamos de nos afastar de facto. §

Cooperação Internacional: um bónus adicional, um dever, uma necessidade ou uma tendência natural imparável?



Marco trabalha há mais de vinte anos em organizações de serviços internacionais, no campo e na sede.

Vídeo em worldgoodwill.org/video#mr

Todos já experimentámos esses momentos na vida em que precisamos de entender as coisas do nosso próprio mundo. Esses momentos são realmente muito interessantes. E sabemos que nem sempre conseguimos dar sentido às coisas. Para sermos bem-sucedidos, precisamos de ter esse impulso, o momento certo deve estar maduro.

Quando entendemos as coisas, damos-lhes foco, propósito e direcção. Damos-lhes significado, tanto individual como colectivamente. É um momento de síntese bastante importante. Normalmente, fecha-se um ciclo e abre-se um novo. É um momento fundamental.

Este parece-me ser um desses momentos, mas à escala planetária.

Nos últimos 73 anos, aconteceram algumas coisas espectaculares e sem precedentes:

- a criação de um plano planetário baseado num acordo, isto é, baseado numa manifestação expressa de vontade – a Carta da ONU e os ODS;
- um desenvolvimento incrível do direito internacional para abordar questões complexas, como base da ordem mundial existente;
- o número de estados soberanos quase triplicou;
- cresceu exponencialmente o número de associações e de entidades e empresas privadas;

Tenho a percepção de haver nos últimos 73 anos, e continua a haver, uma explosão de vontade! Sem falar no facto de que, de 2,5 milhares de milhões passámos a mais de 7,6 milhares de milhões e continuamos a crescer – é muita vontade individual a envolver! Muita vontade e, assim, muita força disponível!

Isso não é coisa pouca.

O mundo tornou-se multipolar, para dizer como os cientistas políticos. Uma multiplicidade de centros de vontade, activos e prosseguindo os seus interesses.

Isto pode significar que as formas tradicionais de usar e exercer à vontade podem já não ser aplicáveis, nem úteis.

Testemunhamos os desafios que uma sociedade multipolar representa para a nossa concepção de governo democrático e exercício de poder, tal como foi desenvolvido ao longo dos últimos 2.500 anos.

Isso exigirá, provavelmente, a procura de um paradigma novo para canalizar e usar construtivamente toda a energia de vontade que está a entrar em manifestação através do número crescente de indivíduos e organizações.

O teste que enfrentamos é o do uso da vontade colectiva, da vontade grupal. Como forjar uma vontade verdadeiramente colectiva a partir de vontades individuais.

A cooperação é a ferramenta para encontrar um paradigma novo para o uso colectivo da vontade em direcção à evolução contínua do planeta?

Estamos contudo suficientemente familiarizados com a cooperação?

De facto, como podemos esperar que as nações cooperem, se nós, como indivíduos, mesmo bem-intencionados, não cooperamos com os outros ou fazemo-lo com dificuldade? Como podemos esperar que as nossas nações cooperem com outras se nós, como indivíduos e cidadãos, não damos a orientação correcta aos nossos governos através de modelos e ideias cuidadosamente pensados e nascidos a partir do coração, baseados nos nossos testes diários e instinto divino?

É preciso falar mais sobre cooperação, e não apenas como algo belo, mas também sobre os desafios que ela nos traz, como indivíduos e como grupos, para assim identificarmos formas de os superar.

A cooperação, por defeito, ultrapassa a consciência de um indivíduo e exige que ele atravesse essa fronteira e se ponha no lugar do outro. Trata-se de entrar num espaço desconhecido a ser descoberto e mapeado apenas em conjunto com os outros ... na verdade, em cooperação com outros!

Como tal, a cooperação não é necessariamente um meio para alcançar um fim ... mas antes um meio para descobrir fins. Por outras palavras, é importante apreciar a diferença entre: cooperar para conseguir que algo seja feito *versus* cooperação, de forma a permitir e descobrir o que é preciso ser feito. §

Uma Cultura Ética Renovada: Valores e Projectos Alternativos para um Planeta Finito

María Crehuet Wennberg é responsável pelas Políticas Energéticas da Associació de Micropobles de Catalunya e vice-presidente da CMES (Collective for a Sustainable Energy and Social Model; Cooperativa para um Modelo Social e de Energia Sustentável).



Vídeo em worldgoodwill.org/video#mw

Num futuro próximo, a sociedade do conhecimento dará lugar a uma sociedade com uma cultura ética renovada, um lugar onde todos estaremos em condições para acolher a semente da generosidade, o único motor capaz de transformar positivamente tudo o que conhecemos.

O que precisamos para nos tornarmos nessa sociedade nova? Onde estamos agora?

Em meados de Setembro, cientistas e políticos europeus reuniram-se em Bruxelas sob o título: **Última chamada. Europa, chegou a hora de acabar com a dependência do crescimento.** Estes cientistas levantaram a seguinte questão: *O cresci-* ►

mento está a tornar-se cada vez mais difícil de ser conseguido devido à queda nos ganhos de produtividade, saturação do mercado e degradação ecológica. Se a tendência actual continuar, daqui a uma década pode não haver crescimento na Europa. Neste momento, a resposta para este problema é tentar activar o crescimento expandindo a dívida, desmantelando as regulamentações ambientais, aumentando as horas de trabalho e os cortes sociais. Esta procura agressiva de crescimento a qualquer custo fragmenta a sociedade, cria instabilidade económica e destrói a democracia.

Eles propõem quatro iniciativas, para iniciar o abrandamento:

1. Criar um comité especial no Parlamento da União Europeia sobre o futuro do Pós-Crescimento.
2. Incorporar indicadores alternativos nos quadros macroeconómicos da UE e dos seus Estados membros, indicadores que devem ter maior importância nos processos de decisão do que os actualmente atribuídos ao PIB.
3. Transformar o Pacto de Estabilidade e Crescimento num Pacto de Estabilidade e Bem-Estar.
4. Criar um Ministério para a Transição Económica em cada um dos estados-membros. Uma nova economia que se concentre directamente no bem-estar humano e ecológico pode oferecer um futuro muito melhor do que aquele que está estruturalmente dependente do crescimento económico.

Já existem muitas organizações a trabalharem neste sentido. No entanto, as ideias de todos estes movimentos que estão a penetrar nas mentes de uma parte da sociedade estão a ser também manipuladas por grandes *lobbies* (N.T.: elementos de influência) que assumem a discussão com a finalidade de continuar a vender seja o que for. É moda fazê-lo sob rótulos de "ecológico", "verde", "sustentável", "alternativo"... Caímos na armadilha? Vemos os sinais a advertir-nos do perigo? Ou continuamos a conduzir descuidadamente e a toda velocidade em direcção ao abismo?

Esta nova cultura deve mudar muitas coisas – por exemplo:

- o quadro social em que nos movemos, de um sistema baseado no individualismo para um baseado em cidadãos envolvidos e activos;
- a tecnocracia deve dar lugar à democracia real;
- o sigilo que esconde tanto comportamento corrupto deve perecer diante da transparência real;
- a economia "dura", que vive à custa dos mais fracos, deve ser substituída por uma economia "branda" que saiba partilhar;
- a atitude de pensar apenas nesta geração precisa de mudar em direcção a um respeito profundo pelo meio ambiente e ao pensamento de que qualquer acção tem impacto e deve ser benéfica para muitas gerações (os nativos americanos disseram que deveríamos pensar pelo menos até à 7ª geração antes de tomarmos qualquer decisão);
- temos também de repensar a globalização que, embora em si mesma seja uma boa ideia, só serviu para beneficiar os grandes *lobbies*, empobrecendo as economias locais, pelo que temos de repensar a produção e o consumo de produtos 0 km (N.T.: produtos 0 km – ou 100% nacional – são produtos de origem local);
- as leis, inicialmente necessárias, mas que se tornaram num espartilho rígido que nos oprime, e que devemos aprender a aceitar com flexibilidade, sem deixarem de ser rigorosas;
- mudar o monólogo de um actor único que é o Estado para um trabalho coral cujos actores são toda a sociedade.

Para construir esse tipo de sociedade é essencial que os seus componentes, todos os cidadãos, sejam responsáveis e inter-independentes.

Esta cultura nova deve basear-se na mudança individual, sabendo e compreendendo que mudança alguma é de facto estritamente individual: se uma pessoa muda, essa mudança acaba por influenciar a família, os vizinhos, o bairro, o município, a região, a nação e o Planeta, até abranger todo o Universo.

Nada é impossível. §

Sentindo o Potencial Evolutivo: Co-criando Magnificência com o Mais-que-Humano

Giles Hutchins é o orador principal, consultor e instrutor executivo na linha da frente de uma [r]evolução na consciência de liderança e desenvolvimento organizacional, estimulando o espaço-mental (N.T.: head-space, no original) e o conhecimento do coração (heart-knowing, no original) em líderes e organizações de vanguarda para se tornarem vibrantes, plenos de propósito e ajustados em relação ao futuro. Ele é o autor de três livros, e a sua última palestra no TEDx talk intitula-se [R]evolution: Separateness to Connectedness ([R]evolução: Separação para a Conectividade); (N. T.: a TEDx Talk é uma comunidade internacional que organiza séries de conferências sem fins lucrativos, destinadas à divulgação de "ideias que merecem ser disseminadas"). Ele publica no blog www.thenatureofbusiness.org.



Vídeo em worldgoodwill.org/video#gh

Existem três níveis de aprendizagem na Natureza, três níveis de activação da lógica de vida. O primeiro é o *design* (desenho) de sistemas vivos (que Jen e Dominic já exploraram um pouco – a permacultura, por exemplo). O *design* de sistemas vivos envolve maneiras através das quais podemos observar os padrões e princípios de vida que encontramos nos sistemas vivos nos quais operamos, aplicando-os às nossas formas de projectar produtos e processos. Assim, isto é *design biomimético*, isto é permacultura, isto é economia de ciclo fechado, economia circular, desperdício igual a comida, ecologia industrial, design biofílico nos nossos locais de trabalho. Existe actualmente muito trabalho interessante nesta área, muitas inovações, é muito entusiasmante.

Depois, há a aplicação da lógica dos sistemas vivos às culturas humanas e às organizações. Isto reconhece que as organizações não são máquinas, que na verdade são sistemas vivos. Quando podemos verificar que existem dinâmicas de vida essenciais que podemos aplicar às nossas próprias maneiras de abordar a vida, podemos ver que existe uma dinâmica essencial de divergência – abertura; convergência – reunião; e da tensão dos dois surge a emergência – a maneira pela qual encontramos o nosso fluxo, o modo como lidamos com o nosso potencial evolutivo.

Assim, a divergência nos negócios é em termos de diversificação: distribuir a tomada de decisão, descentralizá-la para capacitar as pessoas a fazerem a mudança ao nível local, como mencionado por Jen. Além disso, como Jen disse, isto envolve abraçar a diversidade, mas não apenas a diversidade de idade, credo, cultura e género, o que é muito importante, mas também em termos de horizonte perceptivo – como vemos as coisas. Isto traz partes diferentes do sistema, pessoas de áreas diferentes, de diferentes partes interessadas do ecossistema, para ser mais permeável a membrana organizacional. Isto aumenta o aspecto relacional das organizações, tornando-as mais vivas, afastando-as das culturas mecanicistas e enfraquecedoras da alma nas quais nos deixámos enredar.

Ora a divergência precisa de ser equilibrada com a convergência, caso contrário a organização torna-se demasiado caótica, demasiado amorfia. Essa convergência chega tradicionalmente através de hierarquias de controlo baseadas no poder, por causa do pensamento patriarcal, de explosão do ego e de administração científica de que falámos anteriormente. Essa abordagem não ajuda, porque prejudica a divergência. Então, ao invés disso, queremos que a convergência venha através de um sentido de propósito, como Jen abordou. E quando dizemos um sentido de propósito, não queremos refutar a declaração de missão ou colocar um novo quadro de valores na parede: queremos dizer é que deve desenvolver-se profundamente um sentido ressonante de propósito dentro da organização. Acontecem coisas extraordinárias quando as pessoas estão em sintonia com o sentido organizacional de propósito, mas, para nós, estar em sintonia profunda – para este sentido de propósito tocar a humanidade – significa que o sentido organizacional de propósito tem de estar, de alguma forma, a valorizar a vida. Precisa de ser afirmação de vida, por ser isso que nos entusiasma. E estudos sociológicos mostram que bastam apenas dez a quinze por cento de pessoas na organização – em sintonia profunda com esse sentido de propósito – para acontecer uma mudança: torna-se mais fácil abandonar essas hierarquias de controlo baseadas no poder e permitir formas mais divergentes de operar. A organização ganha vida e descobrimos o fluir da emergência.

Por fim, chegamos ao terceiro nível, os sistemas vivos como sendo ... §

Valores Humanos e Desenvolvimento Sustentável no Mundo de Hoje

René Longet é o presidente da Fédération genevoise de coopération [Federação Genovesa de Cooperação] e vice-presidente da SIG, especialista em desenvolvimento sustentável



Vídeo disponível em worldgoodwill.org/video#rl

Qual o retorno do Desenvolvimento Sustentável?

Em 1987, nasceu a noção de Desenvolvimento Sustentável: um desenvolvimento que “atende às necessidades actuais, sem comprometer a capacidade das gerações futuras para atenderem às suas próprias necessidades.” Estão inherentemente presentes dois conceitos: 1) As “limitações impostas pelo estado actual da tecnologia e organização social dos recursos ambientais” e pela “capacidade da biosfera para absorver os efeitos das actividades humanas”; 2) “O desenvolvimento sustentável exige ir ao encontro das necessidades básicas de todos, proporcionando sem exceção a oportunidade para concretizar as suas aspirações a uma vida melhor. Um mundo onde a pobreza é endémica terá sempre tendência a sofrer catástrofes ecológicas e outras.” (<http://www.un-documents.net/our-common-future.pdf> § 27)

Económica: Precisamos de uma economia inclusiva, orientada pelo utilitarismo, que possa nutrir o bem comum. Em 2011, o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA) definiu uma economia verde como sendo: “a que resulta em melhoria do bem-estar humano e equidade social, reduzindo simultânea e significativamente os riscos ambientais e a escassez ecológica.” ¹

Cultural: Sustentabilidade é encontrar o equilíbrio entre necessidades e meios, ser e ter, hoje e amanhã, Norte e Sul, humanidade e Natureza. Precisamos de modificar o conceito de progresso, envolvermo-nos para fazer as escolhas acertadas, bem como falar sobre responsabilidade a longo prazo.

Política: O mundo precisa de um governo inclusivo, bem como a contestação do ponto de vista neoliberal de que a economia não precisa de regulamentação. Tal teoria é falsa, pois não leva em conta os vários custos ambientais e sociais que não es-



tão reflectidos no preço real. Assim, os mercados são diariamente falseados; não podemos pensar em mercados não regulamentados nem em regulamentação sem mercados.

Assim, o Estado deve ser: responsável pela equidade, fornecer ajuda aos fracos na sua relação com os fortes, informativo e vitalizador, transparente, eficiente, apoiando o empenho e estabelecendo prioridades. Os grandes desafios relativos à dimensão territorial exigem regulamentações globais, pois trocas financeiras, migrações, clima, oceanos e biodiversidade, todos eles transcendem as fronteiras nacionais.

Do Conceito à Acção

Em 2000, a Declaração do Milénio ² e os Oito Objectivos de Desenvolvimento do Milénio [N.T.: MGDs, no original] ³, a serem alcançados até 2015, incluíam a eliminação da pobreza extrema e da fome, a promessa de educação básica para todos, a promoção da igualdade de género, bem como a autonomia das mulheres e a redução da mortalidade infantil.

A Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável (Rio+20), em Junho de 2012, abordou duas questões principais, a contribuição da economia verde para a eliminação da pobreza e o enquadramento institucional para o desenvolvimento sustentável.

O documento final, chamado “O Futuro Que Queremos” ⁴ propôs a substituição dos MGDs pelos objectivos de desenvolvimento sustentável; eles “devem ser orientados para a acção, concisos e fáceis de comunicar, limitados em número, ambiciosos, de natureza global e universalmente aplicáveis a todos os países, tendo em conta diferentes realidades, capacidades e níveis de desenvolvimento nacionais e respeitando políticas e prioridades de cada nação.” (§ 247)

Em Setembro de 2015, a Assembleia-Geral da ONU adoptou o documento *Transformando o nosso mundo: a Agenda de 2030 para o Desenvolvimento Sustentável* (ou *Agenda 2030*)⁵, incluindo 17 Objectivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), “com 169 metas associadas que são integradas e indivisíveis.” (§ 18).

A orientação adequada dos fluxos financeiros em função das necessidades humanas – tal como definida pelos ODS – permitir-nos-á cumprir as tarefas designadas. A economia será ou não sustentável da mesma forma que a sustentabilidade será ou não económica.

Rumo a Uma Economia Sustentável

Tem havido muita boa vontade por intermédio da economia social e solidária ⁶, e do comércio justo ⁷, sendo estes dois precursores no mundo actual do que deveria ser a economia do futuro. Produtores inovadores, que propõem serviços ou bens de qualidade ética, ambiental ou social, permanecem em segundo plano, sendo bastante ignorados pelos mercados e pela escolha do consumidor. Isto precisa de ser alterado.

Orientar os Fluxos Financeiros na Direcção Correcta

Uma proporção considerável dos investimentos está aplicada de maneira não sustentável, antiética ou mesmo destrutiva, como é o caso do carvão, energia nuclear ou agronegócio. Existe também a economia da Dark net que absorve anualmente cerca de 35 mil milhões de dólares! Para realizar o conjunto dos 17 ODS, ou seja, para conduzir o mundo para a sustentabilidade, teríamos de investir anualmente entre 5 a 7 mil milhões de dólares. Portanto, não podemos afirmar que este dinheiro não está disponível!

Substituir o universalmente usado mas enganador PIB

O PIB ignora basicamente tudo o que não tenha função monetária alguma... e mistura alhos com bugalhos: é bem-vindo tudo o que envolva consumo. É hora de o substituir por indicadores de desenvolvimento sustentável, de desenvolvimento humano ou – como demonstrado pelo exemplo do Butão ⁸, da felicidade nacional ou da noção de pegada ecológica ⁹, uma abordagem desenvolvida na segunda metade da década de 1990 por Mathis Wackernagel. Não inclui aspectos sociais (“uma pegada social”), mas a ligação é evidente: a exploração de recursos leva a um aprofundamento das desigualdades e à intensificação dos conflitos relacionados com o acesso aos recursos. Numa comunidade gerida de forma sustentável, a coesão social aumenta, a pegada ecológica diminui e a rede económica torna-se mais sólida. [§]

¹ *Towards a Green Economy*, UNEP, Nairobi 2012, p. 9
https://sustainabledevelopment.un.org/content/documents/126GER_synthesis_en.pdf

² www.un.org/millennium/declaration/ares552e.htm

³ www.un.org/fr/millenniumgoals/background.shtml

⁴ www.un.org/ga/search/view_doc.asp?symbol=A/RES/66/288&Lang=E

⁵ www.un.org/ga/search/view_doc.asp?symbol=A/RES/70/1&Lang=E

⁶ Laville J.-L., Cattani A.-D., *Dictionnaire de l'autre économie*, Coll. Folio Actuel, Gallimard, Paris 2006

⁷ www.fairtrade.net

⁸ www.grossnationalhappiness.com/wp-content/uploads/2017/01/Final-GNH-Report-jp-21.3.17-ilovepdf-compressed.pdf

⁹ www.footprintnetwork.org

Reflexões sobre como Cuidar da Terra

Uma pequena selecção de pensamentos que foram reunidos em folheto para o seminário. Para obter uma cópia consulte por favor o formulário de pedido (só válido na língua inglesa).

Se quiserem descobrir os segredos do universo, pensem em termos de energia, frequência e vibração.

Nikola Tesla

Eu, a vida ígnea de essência divina, flamejo para além da beleza dos prados, brilho nas águas e ardo no Sol, na Lua e nas estrelas ... Eu desperto tudo para a vida.

Hildegard de Bingen

Este é um dos maiores desafios do nosso tempo: convertermo-nos a um tipo de desenvolvimento que saiba respeitar a criação.

Papa Francisco

Toda a ordem da Natureza evidencia uma marcha progressiva rumo a uma vida mais elevada.

Helena Blavatsky

Não existem lugares não-sagrados; existem apenas lugares sagrados e lugares profanados.

Wendell Berry 

Relacionamentos para a Mudança: Um Caminho para a Ressonância com toda a Vida



Jen Morgan é uma estratega/empreendedora que trabalha para "co-projectar e co-criar estratégias que possam ajudar a acelerar a evolução humana e a prosperidade de toda a vida no planeta." Jen é co-fundadora do Finance Innovation Lab – uma organização mundialmente reconhecida pela inovação social, sendo actualmente Directora Executiva do The Psychosynthesis Trust.

Vídeo em worldgoodwill.org/video#jm

Falemos então sobre a qualidade de diversidade da Natureza. Voltando ao exemplo anterior do lago em New Hampshire, o lago sobreviveu durante muitas centenas de anos, evoluiu, adaptou-se e estava a funcionar em equilíbrio e harmonia perfeitos. Até um ano em que houve intervenção humana, quando a cidade local quis atrair o maior número possível de pescadores, e, para isso, povoaram o lago com percas. Em menos de um ano, o lago estava morto: quando eu estava no cais, não havia movimento, nem vida. E era quase como o que sentimos agora: temos estas mega espécies a dominar o nosso sistema financeiro, o abastecimento de energia, os grandes retalhistas. Quando percorro actualmente as ruas principais, não sinto haver muita vida, na verdade sinto estarem mortas.

Então, o que significa diversidade nos grupos? Que quero dizer com diversidade? Embora pense que nos grupos e organizações da sociedade a diversidade de raça, idade e género seja importante, penso correremos o risco de sermos apanhados mais pela diversidade de aparências do que pela diversidade de qualidades. Penso ser importante nos grupos – e especialmente quando falamos de interesses pessoais – trazer diversidade de pensamento, capacidades, diversidade de emoções, diversidade de energias. Sendo isto o que acho importante na mudança social.

A diversidade é para mim um imperativo moral, mas é realmente um imperativo estratégico. E há duas coisas importantes que quero dizer com imperativo estratégico. É um imperativo estratégico por de facto proporcionar mais resiliência: podemos partilhar experiências, capacidades e habilidades, para actuarem praticamente como um amortecedor contra alguns dos choques nos sistemas humanos, como o colapso ambiental, a meio da sexta extinção em massa de espécies na Terra. Estamos apenas no limiar daquilo que vamos experimentar em termos de choques sobre o nosso sistema.

O segundo imperativo estratégico é o facto de eu acreditar que a diversidade consegue encontrar soluções melhores. Quando liderava o Laboratório de Inovação Financeira, reunimos todo o tipo de pessoas: activistas, banqueiros, psicólogos, académicos, organizadores comunitários, para pensar sobre como poderíamos construir inteligência colectiva para mudar realmente o sistema financeiro? Assim, por exemplo, conseguimos reunir activistas e empreendedores em conjunto com responsáveis políticos e um dos nossos êxitos na época foi criar políticas nacionais que permitissem realmente a entrada de operadores novos mais rapidamente. Isso, esperamos, acabará rapidamente por si só os interesses instituídos, de forma que o sistema financeiro seja mais diversificado.

Outro exemplo foi termos reunido os responsáveis políticos com os activistas para trabalhar com empreendedores que criavam modelos de negócio inovadores, bem como moedas e produtos financeiros novos. Então, o que podemos fazer com esta diversidade é ver mais acerca do todo e o que foi mais relevante, em todos estes níveis diferentes, para poderem ser implementados mais rapidamente.

Então, o que significa para mim, enquanto indivíduo num grupo, pensar sobre diversidade? Isto é muito do que ensinamos no

Psychosynthesis Trust – competências que também tive de desenvolver para abraçar esse paradoxo. Quando se está inserido num grupo diverso, existem muitas verdades diferentes e há Uma Verdade; há toda esta multiplicidade e em conjunto queremos trazer Unidade. Como gerir este paradoxo nos grupos em que está inserido? A outra competência que tive de ►

aprender foi como realmente abraçar o conflito: quando trazemos diversidade e temos perspectivas diferentes, isso gera frequentemente tensão e diferença, conduzindo muitas vezes ao conflito; então, como abraçamos o conflito como uma fonte geradora e até que ponto apreciamos realmente a diferença?

Então, quão diversificados são os grupos em que está inserido? Como poderia trazer mais diversidade de qualidade para esses grupos? E como está a desenvolver as suas competências para sintetizar a diversidade nos grupos e em si mesmo? Na psicosíntese, ensinamos acerca das subpersonalidades, por isso, o que tive de aprender por mim mesmo é como podem trabalhar em conjunto partes diferentes de mim de forma a ter mais coerência – como pode trabalhar o meu lado místico com o meu lado pragmático? §

ODS [Objectivos de Desenvolvimento Sustentável]: Enquadrar uma Narrativa Regenerativa Nova

May East é a presidente da Gaia Education e membro da UNITAR. A Gaia Education, em parceria com a Secretaria do programa GAP da UNESCO, desenvolveu uma ferramenta educacional – os SDG Flashcards [N.T.: cartões didácticos sobre os Objectivos de Desenvolvimento Sustentável] – contendo mais de 200 perguntas que introduzem uma abordagem generalizada a todos os sistemas da Agenda 2030.



[Vídeo em worldgoodwill.org/video#me](http://worldgoodwill.org/video#me)

Há um consenso internacional de que a nossa geração está a enfrentar uma convergência de crises múltiplas na economia, sociedade, ecologia e em muitos outros campos. Além disso, há a percepção de que a mentalidade que criou esta convergência não pode resolvê-las. Precisamos de uma mentalidade diferente, um enquadramento diferente.

Na conferência Rio+20 no Brasil, os líderes mundiais concordaram em tentar definir uma estrutura global que abordasse as crises múltiplas e colocasse a humanidade num caminho sustentável. Ao longo de três anos, teve lugar a maior consulta alguma vez feita na História da humanidade. Os Objectivos de Desenvolvimento Sustentável, resultantes deste processo, foram negociados arduamente e envolveram compromissos difíceis. Eles têm uma legitimidade alargada entre todas as partes.

Para alguns, o conceito de sustentabilidade padece de falhas internas. Peca por não oferecer orientação sobre a forma de arbitrar entre factores contraditórios de crescimento económico, fronteiras planetárias e justiça social. O seu âmbito visa proporcionar um equilíbrio entre a humanidade e a Terra. No entanto, a nossa presença no planeta tornou-se tão forte e ao mesmo tempo tão perturbadora que não basta sustentar, precisamos de regenerar. A demanda humana é hoje maior que os ODS. Alcançar os Objectivos requer uma transformação profunda na maneira como vivemos, pensamos e agimos, para nos pormos em ressonância com a Terra viva.

Num momento em que há uma ameaça global crescente à vida na Terra, os defensores da economia circular (N.T.: regenerative theorists) consideram ser mais importante do que nunca compreender, não apenas como sobrevivem e prosperam os sistemas vivos, mas como permanecem eles num caminho progressivo para aumentar a vitalidade, viabilidade e potencial. Precisamos de nos regenerar e a forma como pensamos, redesenhando a presença no planeta de forma a acompanharmos intimamente a sua evolução viva. A questão que se coloca é saber como fazer isso enquanto desvendamos a convergência de crises múltiplas através do processo dos ODS.

A abordagem circular comprehende a natureza interdependente dos sistemas vivos. Ela reconhece ser obsoleto julgar o paradigma de crescimento e riqueza crescentes numa economia global, pela velocidade com que extraímos, produzimos, consumimos e deitamos fora. Precisamos de planear oportunidades geradoras de receita que criem valor de forma a tornar as pessoas e o resto do mundo natural mais fortes, mais vibrantes e resilientes.

Ao planear estratégias e serviços, podemos pensar nos ODS como sistemas interactivos aninhados de actividade inteligente para, sempre que um ODS é activado, isto se tornar num catalisador que afecta muitos outros ODS. Os Objectivos foram projectados para interagirem desta forma. Ao tomar decisões sobre projectos, precisamos de pensar sistematicamente, com intenção, considerando o impacto sobre o bem do todo: localmente, na sua vizinhança e no todo maior. A mente acompanha o projecto. Ao estabelecer claramente a intenção de afectar o bem do todo, já estamos a tentar abordar a convergência de crises múltiplas com uma mentalidade renovada.

A abordagem circular tem a ver com projectar para a evolução. A capacidade de evolução é inerente a todos os sistemas vivos. Tem sido essencial para a capacidade auto-sustentável da vida ao longo de milhares de milhões de anos. Podemos agora fazer projectos para a co-evolução concebendo e desenvolvendo condições intrínsecas e extrínsecas que permitam tornar os sistemas vivos como agentes da sua evolução contínua.

O argumento a favor dos ODS é incrivelmente convincente. Somos solicitados a fazer algo nunca feito antes. O nosso papel, enquanto trabalhadores mundiais voltados para o futuro, praticantes da economia circular, é fundamental para aproveitar o potencial do âmbito dos ODS. Compreendendo a natureza interdependente dos Objectivos, podemos ganhar esta perspectiva do todo sistémico e tornarmo-nos facilitadores de uma vitalidade por intermédio da qual sociedades, ecologias e economias podem co-evoluir e prosperar. §

A "Agenda 2030" é um Jogo? Porque o Jogam 30.000 Pessoas de Corporações, Governo, Educação e Sociedade Civil?



Takeo Inamura e Takeshi Muranaka são os fundadores da Imacocollabo, uma ONG japonesa cuja missão é inspirar acções cooperantes para criar um futuro sustentável, através do seu jogo de cartas inovador, o 2030 ODS.

Vídeo em worldgoodwill.org/video#tm

Ouvimos comentários de um membro da equipa da ONU sobre a discussão havida antes do lançamento dos Objectivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) sobre os ícones, os quais, apesar de muito coloridos, podem ser enganadores. Se olharem para estes 17 ícones, o que pode ser um pouco enganador? – Conseguem ver? [Resposta do público] Sim, é exactamente isso: estes ícones estão separados uns dos outros, não parecendo haver ligação entre eles. Esse é o ponto a precisar de ser alterado, referido pelo membro da equipa da ONU.



Deixem-me dar-vos um exemplo. Digamos estar a trabalhar com o objectivo nº 4 [Educação de qualidade: "Garantir educação de qualidade inclusiva e equitativa, promovendo oportunidades de aprendizagem permanente para todos"] e montámos uma escola num país em desenvolvimento, mas nenhuma criança veio. Porque não vêm elas? Porque isto está relacionado com o objectivo nº 1 [Erradicação da pobreza: "Acabar com a pobreza em todas as suas formas em todos os lugares"] – as crianças têm de trabalhar duramente para sustentar as suas famílias que se encontram em situação de pobreza, não tendo tempo, por isso, para ir à escola. Mas o que produzem elas? Isto relaciona-se com o objectivo nº 12 [Consumo e produção responsáveis: "Garantir padrões sustentáveis de consumo e produção"]. Por exemplo, elas trabalham duramente para produzir produtos alimentares que são consumidos por pessoas em países desenvolvidos. E o objectivo nº 12 afecta a objectivo nº 15 [Vida na terra: "Proteger, restaurar e promover o uso sustentável de ecossistemas terrestres, gestão sustentável das florestas, combater a desertificação, suspender e reverte a degradação da terra e suster a perda de biodiversidade"]. Tomemos como exemplo o Japão; os japoneses consomem muito óleo de palma, grande parte do qual é produzido na Indonésia, onde a floresta tropical foi devastada para plantação de palmeiras para a produção de óleo. Então, isso afecta o nº 15, Vida na terra, e isso por sua vez afecta o nº 13 [Acção climática: "Tomar acções urgentes para combater as mudanças climáticas e os seus impactos"]. E o nº 13 vai afectar o nº 1 (Erradicação da pobreza) e o nº 2 [Fome zero: "Acabar com a fome, alcançar a segurança alimentar, melhorar a nutrição e promover a agricultura sustentável"] porque as mudanças climáticas afectam as quintas, significando que deixaram de ser produtivas.

Por isso, tudo está ligado e não podemos escolher uma meta em dezassete, temos de pensar em todas de forma conjunta. Isto explica por que os ODS também são simbolizados por uma roda colorida, para mostrar objectivos todos ligados. Portanto, acreditamos que os ODS mostram que o mundo está ligado e, porque está ligado, eu, também, posso ser um ponto de partida. Se eu alterar a minha maneira de comprar produtos, a minha maneira de comer, isso também pode mudar o mundo. Outra maneira de dizer isto é que, ao transformar a consciência individual, o consumo e o comportamento das pessoas podem ser transformados; e, também, pela transformação de negócios e sistemas sociais, podemos transformar a consciência individual. Estamos aqui para promover este ciclo de criação de indivíduos mais sustentáveis e realizados e de uma sociedade próspera. É isso que queremos alcançar com o jogo de cartas 2030 SDGs [Objectivos de Desenvolvimento Sustentável 2030] que vamos explicar agora. §

Este é o Momento dos Seres Humanos Falarem com as Estrelas

Mary Stewart Adams é uma historiadora de tradição estelar que liderou a iniciativa bem-sucedida de criar o único Parque Internacional de Céu Noturno, no estado do Michigan, em 2011. Ela apresenta um programa semanal na Rádio Pública de Interlochen, O Céu Noturno do Contador de Histórias, e é uma estudante dos ensinamentos de Rudolf Steiner.



Vídeo em worldgoodwill.org/video#ma

Em Dezembro de 1922, Rudolf Steiner falou de mudanças nas nossas relações com os mundos estelares num verso oferecido à esposa:

*Em tempos, as estrelas falaram aos seres humanos
É o destino do mundo permanecerem agora em silêncio
Estar consciente deste silêncio pode ser doloroso para a humanidade terrena
Mas no aprofundar deste silêncio
Cresce e amadurece o que os seres humanos dizem às estrelas.
Estar consciente desta conversa
Pode transformar-se em força para o Homem Espírito.*

Este verso oferece o que eu reconheço ser uma acção em três fases. Primeiro, as estrelas falavam ao ser humano. Constituíam o fulcro da atenção do devir espiritual e do que estava a acontecer na Terra. Esta ideia floresce desde os egípcios antigos. Foi a era do Astro-Logos quando a linguagem das estrelas poderia ter sido considerada como os primórdios da astrologia. Não ►

se tratava apenas de olhar para as estrelas para tentar prever o que aconteceria na biografia humana, mas ler o gesto das estrelas como uma expressão do que está para acontecer na Terra.

Então, na segunda fase, chegamos ao século XV, quando as estrelas se tornam silenciosas. Esta é a Era de Astro-Nomia quando Nicolau Copérnico escreve que a Terra não ocupa uma posição fixa no centro do nosso sistema planetário, mas, tal como os outros planetas, orbita em torno do Sol. Isto muda drasticamente a forma como pensamos sobre o nosso relacionamento com os mundos estelares. Já não perguntamos à Estrela da Manhã: "o que estará a dizer a deusa do amor e da beleza?" A nossa pergunta passa a ser: "Quão longe está?"; "Qual a composição química da sua atmosfera?" "Como posso descobrir a periodicidade da sua órbita?" Ao invés de tentar entender o gesto do mundo celestial como uma expressão do mundo espiritual, procuramos uma definição deste mundo estelar, enraizada nas leis do mundo físico.

E agora, na terceira fase deste verso de Rudolf Steiner, o nosso tempo é visto como um Momento do Destino Mundial. Do Astro-Logos à Astro-Nomia estamos agora a entrar no que poderia ser chamada a era da Astro-Sofia: a sabedoria da nossa relação com as estrelas. O relacionamento é definido pela nossa participação consciente no diálogo. Não é algo que nos está a ser dito de fora, mas os nossos actos, actividade, sonhos, pensamento e intenções consubstanciam o diálogo. É como se o mundo natural, o mundo espiritual e o mundo celestial, todos estivessem a aguardar o que o ser humano deve trazer. O destino que está vinculado nesta relação é que devemos libertar-nos dos ditames dos entendimentos externos para o ser humano poder ser autodirigido. A ameaça é a de não nos lembarmos do nosso relacionamento com a natureza viva da Terra e da sua relação com o mundo celestial e pensemos em nós mesmos como sendo a coisa mais importante naquilo que fazemos e dizemos.

Assim, a tarefa é tentar despertar um relacionamento vivo com os mundos estelares. Para isso, precisamos de um tipo de imaginação activa que não signifique criar um mundo imaginário fictício, mas tentar conceber os gestos poderosos do mundo espiritual que esperam a participação do ser humano no quadro. Ao fazê-lo, temos a responsabilidade de despertar não apenas a grandeza mítica destes gestos, mas de viver como se o conhecêssemos. §

Dia Mundial de Invocação 2019

Para construir uma sociedade global mais justa, interdependente e solidária, o que a humanidade precisa acima de tudo é de mais luz, amor e vontade espiritual.

Na **Segunda-feira, dia 17 de Junho de 2019**, as pessoas de boa vontade em todo o mundo e de diferentes origens religiosas e espirituais unem-se para invocar estas energias superiores através do uso da Grande Invocação. Quer juntar-se a nós neste trabalho de cura, incluindo a Grande Invocação nos seus pensamentos, orações ou meditações no Dia Mundial de Invocação?

A Grande Invocação

Do ponto de Luz na mente de Deus
Que a Luz aflua às mentes dos homens
Que a Luz desça sobre a Terra.

Do ponto de Amor no Coração de Deus
Que o Amor aflua aos corações dos homens
Possa Cristo regressar à Terra.

Do centro em que a Vontade de Deus é conhecida
Que o desígnio guie a fraca vontade dos homens
O desígnio que os Mestres conhecem e servem.

Do centro a que nós chamamos a raça dos homens
Que o plano de Amor e de Luz se realize
E possa selar a porta onde reside o mal.

Que Luz, Amor e Poder restabeleçam o Plano sobre a Terra.

Versão adaptada

Do ponto de Luz na mente de Deus
Que a Luz afluia às mentes dos homens
Que a Luz desça sobre a Terra.

Do ponto de Amor no Coração de Deus
Que o Amor afluia aos corações dos homens
Possa Aquele Que Vem* regressar à Terra.

Do centro em que a Vontade de Deus é conhecida
Que o desígnio guie a fraca vontade dos homens
O desígnio que os Mestres conhecem e servem.

Do centro a que nós chamamos a raça dos homens
Que o plano de Amor e de Luz se realize
E possa selar a porta onde reside o mal.

Que Luz, Amor e Poder restabeleçam o Plano sobre a Terra.

* Muitas religiões acreditam num Instrutor Mundial Que deve vir no futuro (daí “Aquele Que Vem”), conhecendo-O sob nomes como o Senhor Maitreya, o Iman Mahdi, o avatar Kalki, etc. Estes termos são às vezes usados em versões da Grande Invocação para pessoas de religiões específicas.

Créditos de Imagem

Primeira página - Aurora Addicts, www.aurora-addicts.com

Ajudando a construir relações humanas correctas

A *World Goodwill* [Boa Vontade Mundial] é um movimento internacional que ajuda a mobilizar a energia de boa vontade e a construir relações humanas correctas. Foi criado em 1932 como uma actividade de serviço da Lucis Trust. A Lucis Trust é uma instituição de solidariedade educacional registada na Grã-Bretanha. Nos EUA, é uma corporação educativa sem fins lucrativos e na Suíça está registada como associação sem fins lucrativos. A *World Goodwill* é reconhecida pelas Nações Unidas como uma Organização Não-Governamental e tem representação em sessões regulares de informação na sede da ONU.

A Lucis Trust está na lista do Conselho Económico e Social das Nações Unidas. O Boletim da Boa Vontade Mundial é publicado três vezes por ano. Salvo indicação em contrário, todos os artigos são preparados pelos membros colaboradores da *World Goodwill*. Estão disponíveis cópias para distribuição mediante solicitação. O boletim também está disponível em: holandês, francês, alemão, grego, italiano, português (online), russo, esloveno e espanhol.

A World Goodwill depende exclusivamente de donativos para a continuidade do seu trabalho. O boletim é distribuído gratuitamente para o tornar tão amplamente disponível quanto possível, mas os donativos são sempre necessários e bem-vindos para a prestação deste serviço.

Este Boletim está disponível em português em

<https://grupodeestudosmaitreya.org/edicoes/boletins-da-boa-vontade-mundial/>
e no original em

www.worldgoodwill.org

Editor: Dominic Dibble ; ISSN 0818-4984

Suite 54, 3 Whitehall Court,
London SW1A 2EF, UK
worldgoodwill.uk@lucistrust.org

Rue du Stand 40, Case Postale 5323,
1211 Geneva 11, Switzerland
geneva@lucistrust.org

866 United Nations Plaza, Suite 482,
New York NY 10017, USA
worldgoodwill.us@lucistrust.org

